



OBJETIVO

ITA Português Livro do Professor

11



Actinídeos		Sólidos	
terrosos	Outros metais		
ção	Não-Metais		
	Gases nobres		
5	7	8	
24	25	26	27
Cr	Mn	Fe	Co
Cromo	Manganês	Ferro	Cobalto
51 2001	54 93045	55 8457	58 203200
42	43	44	45
Mo	Tc	Ru	Rh
Molibdênio	Técnetio	Rútenio	Ródio
95 94	(98)	101 07	102 01550
74	75	76	77
W	Re	Os	Ir
Tungstênio	Rênio	Osmínio	Írídio
183 84	186 207	190 238	192 222
50	51	52	53
Sn	Sb	Pb	Bi
Estanho	Antimônio	Chumbo	Bismuto
118 710	121 750	107 8682	208 9864
80	81	82	83
Hg	Tl	Pb	Bi
Merúrio	Chumbo	Bismuto	Polônio
200 59	204 38	208 98	209





MÓDULO 21

Leia atentamente os textos I, II e III para responder às questões que se seguem.

Texto I

Capítulo XXXIII

- 1 O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quis deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora.
O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça? Poti levantava a taba de seus guerreiros na margem do rio e esperava o irmão que lhe prometera voltar.
- 5 Todas as manhãs, subia o morro das areias e volvia os olhos ao mar, para ver se branqueava ao longe a vela amiga.
Afinal volta Martim de novo às terras, que foram de sua felicidade, e são agora de amarga saudade. Quando seu pé sentiu o calor das brancas areias, em seu coração derramou-se um fogo, que o requemou: era o fogo das recordações que ardiam como a centelha sob as cinzas.
Só aplacou essa chama quando ele tocou a terra, onde dormia sua esposa; porque nesse instante seu coração
- 10 transudou, como o tronco do jetaí nos ardentes calores, e orvalhou sua tristeza de lágrimas abundantes.
Muitos guerreiros de sua raça acompanharam o chefe branco, para fundar com ele a mairi dos cristãos. Veio também um sacerdote de sua religião, de negras vestes, para plantar a cruz na terra selvagem.
Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés de sagrado lenho; não sofria ele que nada mais o separasse de seu irmão branco. Deviam ter ambos um só Deus, como tinham um só coração.
- 15 Ele recebeu com o batismo o nome do santo, cujo era o dia; e o do rei, a quem ia servir, e sobre os dois o seu, na língua dos novos irmãos. Sua fama cresceu e ainda hoje é o orgulho da terra, onde ele primeiro viu a luz.
A mairi que Martim erguera à margem do rio, nas praias do Ceará, medrou. Germinou a palavra do Deus verdadeiro na terra selvagem; e o bronze sagrado ressoou nos vales onde rugia o maracá.
Jacaúna veio habitar nos campos da Porangaba para estar perto de seu amigo branco; Camarão erguera a
- 20 taba de seus guerreiros nas margens da Mecejana.
Tempos depois, quando veio Albuquerque¹, o grande chefe dos guerreiros brancos, Martim e Camarão partiram para as margens do Mearim a castigar o feroz tupinambá e expulsar o branco tapuia.
Era sempre com emoção que o esposo de Iracema revia as plagas onde fora tão feliz, e as verdes folhas a cuja sombra dormia a formosa tabajara.
- 25 Muitas vezes ia sentar-se naquelas doces areias, para cismar e acalentar no peito a agra saudade.
A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro; mas não repetia já o mavioso nome de Iracema.
Tudo passa sobre a terra.
- 1Jerônimo Albuquerque, chefe da expedição ao Maranhão em 1612.

(ALENCAR, José de. Iracema: lenda do Ceará. São Paulo: FTD, 1992. 2.a ed.)

Texto II

Ode a Iracema

Personagem da obra de José de Alencar inspira parque cultural em Fortaleza.

1 A virgem dos lábios de mel banha-se para sempre na lagoa de Mecejana, em Fortaleza. No romance de José de Alencar, foi lá onde Iracema, a jovem índia com os cabelos mais negros que a asa da graúna, permaneceu à espera de Martim, o guerreiro branco que a desposou, a engravidou do filho Moacir e partiu. Fora das páginas dos livros, Mecejana é um distrito da capital cearense, a 15 quilômetros da costa, que acaba de virar destino turístico. Os atrativos são uma estátua de Iracema com 12 metros de altura e um calçadão com dez painéis nos quais é contada a lenda da virgem. (...) o Parque Cultural Iracema pretende ser o primeiro passo do Projeto Símbolos do Brasil. “Queremos criar parques culturais em todos os Estados, sempre inspirados em um personagem regional. O próximo talvez seja o da Iara, no Amazonas”, sugere o arquiteto carioca e presidente da empresa, Leonardo Fontenele. Diretor na América Latina da Associação Mundial de

5

10 Entretenimento Temático, Fontenele lembra, no entanto, que os personagens deverão ser escolhidos pela população local.

Para envolver os moradores da cidade no projeto, a Imagic! lançou, em parceria com a TV Diário, de Fortaleza, o concurso Iracema – a Musa do Ceará. Quem levasse o título teria seu rosto reproduzido na estátua da heroína. Durante cinco semanas, o auditório do programa Sábado Alegre, transmitido pela TV Diário, aplaudiu algumas das 2.760 garotas inscritas. A vencedora, a estudante de Direito, Natália Nara Ramos, 21

15 anos, se surpreendeu com o resultado. “Ouvi dizer que teria um prêmio em dinheiro e, como eu já desfilava, resolvi participar. Não tinha ideia da imensidão do projeto e agora vejo que um cheque não seria nada perto de tudo o que aconteceu comigo”, conta ela, que hoje apresenta dois programas na TV União, uma espécie de MTV local. A bela Natália cativou o júri com sua graciosidade e contou com um trunfo: seus cabelos escuros e a franja que usa desde pequena evocam a estética indígena.

20 Para a realização do molde de seu rosto, esculpido em tamanho real pelo artista plástico cearense Alexandre Rodrigues, a modelo teve de passar 12 horas em estúdio. “Ainda bem que me deram comida, sorvete e tudo o que eu tinha direito. Ficou perfeita. Tem até uma covinha igual à minha no queixo”, conta Natália, que leu o clássico de José de Alencar aos 17 anos. Com 12 metros de altura e 16 toneladas, a réplica de Iracema pode durar até 100 anos. Quem passa pela região, nem se lembra que a mesma lagoa, pouco antes, mais parecia um esgoto a céu aberto. Para o futuro, estão programadas oficinas de artesanato e cursos de capacitação de guias de turismo, além da construção de lojas e restaurantes ao longo de dois quilômetros de calçadão que compõem o Parque. Até a entrada da cidade, pela BR 116, será desviada para passar em frente ao empreendimento. Só falta o guerreiro branco ir visitá-lo.

(VANNUCHI, Camilo. “Ode a Iracema”. Revista Isto é, nº 1806. São Paulo: Ed. Três, maio de 2004.)

Texto III

Morte e vida severina

- 1 – É a gente sem instituto,
gente de braços devolutos;
são os que jamais usam luto
e se enterram sem salvo-conduto.
- 5 – É a gente dos enterros gratuitos
e dos defuntos ininterruptos.
– É a gente retirante
que vem do Sertão de longe.
– Desenrolam todo o barbante
10 e chegam aqui na jante.
– E que então, ao chegar,
não têm mais o que esperar.
– Não podem continuar
pois têm pela frente o mar.

- 15 – Não têm onde trabalhar
e muito menos onde morar.
– E da maneira em que está
não vão ter onde se enterrar.
– Eu também, antigamente,
20 fui do subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
25 fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.

(MELO NETO, João Cabral de. Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.)

1. **(IME)** – Assinale a opção que melhor traduz o sentido de: “... para ver se branqueava ao longe a vela amiga.” (Texto I, linha 5).

- a) Para ver se a vela se tornava branca.
- b) Para ver se a vela aparecia ao longe.
- c) A vela clareava o céu somente ao longe.
- d) O sol clareava a vela do barco ao longe.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

2. **(IME)** – Em: “O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?” (Texto I, linha 3).

O autor refere-se

- a) à raça africana e ao fato de estar sempre distante e com saudades da velha África, sua predestinação.
- b) à predestinação/contribuição da gente sofrida do Nordeste para o aumento da taxa de mortalidade infantil.
- c) ao destino, da maioria dos cearenses, de viver longe da terra natal.
- d) ao berço da imigração brasileira: o estado do Ceará.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

3. **(IME)** – Considere o trecho e assinale a alternativa correta: “O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel”.

- a) Em “O cajueiro floresceu quatro vezes depois ...”, temos, inculida, uma ideia de tempo.
- b) Em “frágil barco” está a caracterização dos sentimentos do bebê recém-nascido.
- c) Em “... depois que Martim partiu das praias do Ceará ...” encerra-se uma ideia de causa.
- d) A expressão “das praias do Ceará” transmite uma ideia de consequência.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

4. **(IME)** – Observe: “Só falta o guerreiro branco ir visitá-lo.” (texto II, linha 24). A intenção do jornalista, autor da reportagem, é

- a) afirmar que a réplica de Iracema é tão perfeita que o espírito de Martim – herói do romance de José de Alencar – retornará para visitar sua amada esposa morta.
- b) através da ironia, criticar a população que não valoriza ou até desconhece sua cultura.

c) afirmar que o artista plástico, autor da escultura, ainda não a viu no parque.

d) sugerir que a modelo está à espera de um amor como o da personagem do romance de Alencar.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

5. **(IME)** – No trecho: “Ouvi dizer que teria um prêmio em dinheiro ...” (texto II, linha 15), o verbo ter é empregado no sentido coloquial. Assinale a alternativa em que o mesmo verbo está empregado no sentido culto.

- a) No navio, tinha um compartimento onde aquela carga ficaria bem guardada.
- b) Tinha uma meta em sua vida: enriquecer.
- c) Você está seguro de que hoje não tem aula?
- d) Tem dias em que nos sentimos tristes e desanimados.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

6. **(IME)** – Na visão romântica de José de Alencar, o índio é

- a) descrito como um ser preguiçoso, que passa o tempo sentado à porta da cabana.
- b) um defensor árduo dos animais que são por ele atraídos.
- c) idealizado para assumir características europeias.
- d) exterminado para que os cristãos povoem as nossas terras.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

7. **(IME)** – Em “Ele recebeu com o batismo o nome do santo, cujo era o dia; e o do rei, a quem ia servir, e sobre os dois o seu, ...” (texto I, linha 15), o pronome sublinhado é empregado para substituir o vocábulo

- a) rei.
- b) nome.
- c) santo.
- d) cujo.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

8. **(IME)** – Observe a relação estabelecida pela conjunção entre as orações do seguinte período:

“... são os que jamais usam luto / e se enterram sem salvo-conduto.” (Texto III, linhas 3 e 4).

Assinale a opção em que as orações apresentam a mesma relação.

- a) “Poti levantava a taba de seus guerreiros na margem do rio e esperava o irmão...” (Texto I, linha 4).
- b) “A jandaia não quis deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora.” (Texto I, linha 2).

- c) “A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro; mas não repetia já o mavioso nome de Iracema.” (Texto I, linha 26).
- d) “Não podem continuar / pois têm pela frente o mar.” (Texto III, linhas 13 e 14).

RESOLUÇÃO:

A ideia é de adição como na alternativa a.

Resposta: A

MÓDULO 22

Um amigo acaba de perder alguém que ele ama e eu quero dizer-lhe minha compaixão. Ponho-me então a escrever-lhe espontaneamente uma carta. No entanto as palavras que encontro não me satisfazem: são “frases”; faço “frases” com o mais amoroso de mim mesmo; digo-me então que a mensagem que quero mandar a esse amigo, e que é minha própria compaixão, poderia em suma se reduzir a uma simples palavra: Condolências. No entanto, o próprio fim da comunicação se opõe a isso, pois essa seria uma mensagem fria, e por conseguinte invertida, pois o que quero comunicar é o calor mesmo da minha compaixão. Concluo que para retificar minha mensagem (quer dizer, em suma, para que ela seja exata) é preciso não só que eu a varie, mas ainda que essa variação seja original e como que inventada.

Reconhecer-se-á, nessa sequência fatal de constrangimentos, a própria literatura (se minha mensagem final se esforça por escapar à “literatura”, isso é apenas uma última variação, uma artimanha da literatura). Como minha carta de pêsames, todo escrito só se torna obra quando pode variar, em certas condições, uma mensagem primeira (que também pode ser: amo, sofro, compadeço-me). Essas condições de variação são o ser da literatura (o que os formalistas russos chamavam literaturnost, a “literaturidade”), e tal como em minha carta, elas só têm a ver com a originalidade da segunda mensagem. Assim, longe de ser uma noção crítica vulgar (hoje inconfessável), e sob condições de pensá-la em termos informacionais (como a linguagem atual o permite), esta originalidade é ao contrário o próprio fundamento da literatura; pois só me submetendo à sua lei posso comunicar com exatidão o que quero dizer; em literatura como na comunicação privada, quanto menos eu queira ser “falso”, tanto mais eu preciso ser “original”, ou, se se prefere, “indireto”.

A razão não está absolutamente em que sendo original eu me manteria mais próximo de uma espécie de criação inspirada, dada como uma graça para garantir a verdade de meu discurso: o que é espontâneo não é forçosamente autêntico. A razão é que essa mensagem primeira que deveria servir para dizer imediatamente minha pena, essa mensagem que desejaria denotar simplesmente o que está em mim, essa mensagem é utópica; a linguagem dos outros (e que outra linguagem poderia existir?) devolve-ma não menos imediatamente decorada,

carregada de uma infinidade de mensagens que não desejo. Minha fala só pode sair de uma língua: essa verdade saussuriana ressoa aqui bem além da linguística; escrevendo simplesmente condolências, minha compaixão torna-se indiferença, e a palavra me apresenta como friamente respeitosa de um certo hábito; escrevendo num romance: por muito tempo eu me deitei cedo, por mais simples que seja o enunciado, o autor não pode impedir que o lugar do advérbio, o emprego do Eu, a própria inauguração de um discurso que vai contar, ou melhor ainda, recitar uma certa exploração do tempo e do espaço noturnos, desenvolvam já uma mensagem segunda, que é uma certa literatura.

(Roland Barthes, *Essais critiques*, Paris, 1964, pp. 11-13)

9. **(MODELO-ITA)** – No texto apresentado, a linguagem é utilizada em função
- referencial (comunicação centrada no referente).
 - emotiva (comunicação centrada no emissor).
 - metalinguística (comunicação centrada no código, ou seja, em elementos da linguagem).
 - conativa (comunicação centrada no receptor).
 - poética (comunicação centrada na mensagem).

RESOLUÇÃO:

O texto apresenta uma reflexão sobre as diferenças entre a linguagem cotidiana e a linguagem literária; portanto, a função predominante é a metalinguística.

Resposta: C

10. **(MODELO-ITA)** – A mensagem Condolências liga-se à ideia de “frieza” ou “indiferença” como
- significado primário.
 - significado metafórico.
 - denotação.
 - conotação.
 - metonímia.

RESOLUÇÃO:

A denotação é a significação básica, independente do contexto, e corresponde à palavra em estado de dicionário, válida para todos os falantes. A conotação é o sentido secundário associado à significação básica. Assim, a mensagem “Condolências” denota “eu me condoo”, mas conota “indiferença” e “frieza”.

Resposta: D

11. **(MODELO-ITA)** – Dentre as citações abaixo, qual a que melhor corresponde à formulação de Barthes sobre o “fundamento da literatura”?

- “O poema, hesitação prolongada entre o som e o sentido” (P. Valéry).
- “Literatura é novidade que permanece novidade” (E. Pound).
- “A literatura fala uma linguagem particular que se superpõe à língua natural como sistema secundário” (I. Lotman).
- “A poesia projeta o princípio da equivalência do eixo da seleção sobre o eixo da combinação” (R. Jakobson).
- “Um pouco de beleza é uma alegria para sempre” (J. Keats).

RESOLUÇÃO:

A afirmação de Iuri Lotman é a que melhor corresponde ao texto de Barthes: “todo escrito só se torna obra quando pode variar, em certas condições, uma mensagem primeira (...). Essas condições de variação são o ser da literatura (...)”.

Resposta: C

12. **(MODELO-ITA)** – Conclui-se do texto:

- Para que uma mensagem seja autêntica, não basta que ela seja espontânea: é preciso ainda que ela revele imediatamente (isto é, sem mediação intelectual) os conteúdos de alma que se quer comunicar.
- A obra literária deve submeter-se à lei da literatura, às normas literárias vigentes, para permitir comunicação exata.
- A literatura consiste numa variação do texto normal, numa fuga da norma.
- A boa literatura deve ser original, porque só assim ela pode corresponder a uma espécie de criação inspirada.
- A boa literatura deve exprimir autenticamente o “eu” do escritor.

RESOLUÇÃO:

Conclui-se do texto que, para criar uma mensagem original, é preciso variar, subvertendo o código normal. Por isso, diz Barthes: “quanto menos eu queira ser ‘falso’, tanto mais eu preciso ser original, ou se se prefere, indireto”.

Resposta: C

(FUVEST-SP) – Texto para as questão 13.

IRENE NO CÉU

*Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.*

*Imagino Irene entrando no céu:
– Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
– Entra, Irene, você não precisa pedir licença.*

(Manuel Bandeira)

13. Tome-se por um bom conhecedor de gramática e reescreva o poema “pontuando-o e corrigindo-o” sempre que necessário.

RESOLUÇÃO:

“Irene preta,
Irene boa,
Irene, sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:

– Licença, meu branco!
E São Pedro, bonachão:
– Entre, Irene, você não precisa pedir licença.”

Observe-se que a “correção” em *Entra* se faz necessária para que se tenha a uniformidade de tratamento. Mantendo-se *Entra*, deve-se trocar o pronome *você* por *tu*.

No último verso, também cabe um ponto (.) após a palavra *Irene*. Assim, ter-se-ia:

– Entre, Irene. Você não precisa pedir licença.



exercícios-tarefa

☐ MÓDULO 21

1. (IME) – “Sua fama cresceu e ainda hoje é o orgulho da terra, onde ele primeiro viu a luz.” (Texto I, linha 16). A oração destacada pode ser substituída por
- em que nasceu.
 - em que o sol nasceu.
 - onde amanhece primeiro.
 - onde encontrou seu irmão branco.

☐ MÓDULO 22

1. (ITA) – Indique a alternativa errada, em vista do texto:
- Na língua nada é privado: toda realização linguística individual decorre de um código social.
 - Na mensagem literária, só são importantes para a significação os elementos linguísticos ligados às intenções de comunicação do autor.
 - Na mensagem literária, todas as relações linguísticas são tomadas como elementos de significação.
 - A literatura se constitui de formas ou condições de uso da linguagem, em que se varia, de maneira complexa e original, o discurso normalizado.
 - Na literatura, a exclusividade da emoção não garante a qualidade estética

resolução dos exercícios-tarefa

☐ MÓDULO 21

- 1) A

☐ MÓDULO 22

- 1) A afirmação b reduz o sentido do texto de Barthes, pois não é apenas a intenção de comunicação do autor que prevalece na mensagem literária. Nesta, “todas as relações linguísticas são tomadas como elementos de significação”, como afirma a alternativa c.

Resposta: B

